



PSICANÁLISE E CIÊNCIA

PSYCHOANALYSIS AND SCIENCE

Mariana Teixeira Santos Moura

mmoura@uneb.br

Doutora em Direito, Economia e Sociedade pela Universidade de Salamanca, Espanha

Professora Titular do Curso de Direito da Uneb, Camaçari, Bahia, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/7948562440356111>

Resumo:

O artigo analisa a relação da psicanálise com a ciência, guiada pela revisão bibliográfica do artigo de Freud sobre “A pulsão e suas vicissitudes” e desde Lacan em o *Seminário 11* e seu escrito sobre “A ciência e a verdade”. O conceito de *pulsão* é destacado como elo entre o percurso de elaboração teórica tanto de Freud como de Lacan, para consolidar a psicanálise, sua aproximação seguida do distanciamento da ciência, demarcando o contexto em que os respectivos aportes sobrevieram. A singularidade da psicanálise em relação à ciência é demarcada na construção processual do conceito de *pulsão*, demonstrando suas nuances e bases para outras formulações, como o objeto *a* elaborado por Lacan. O histórico da psicanálise a afasta da ciência, mas não sem demarcar seu lugar em relação a esta, destacando, inclusive a relevância do sujeito da ciência, sem o qual não existiria a psicanálise; levando em conta, ainda, as críticas que pesaram desde sua origem e algumas considerações atuais a respeito da relação entre psicanálise e ciência.

Palavras-chave: psicanálise; ciência; pulsão; objeto *a*.

Abstract:

Article analyzes the psychoanalytic relationship with science guided by review article bibliographic Freud about the *instincts and their vicissitudes* and since Lacan, *Seminar 11*, and written about *science and truth*. The *instinct* concept is highlighted as a link between the theoretical development of course both Freud as Lacan for consolidate psychoanalysis, your approach after do detachment of science, marking the context that your befallen their contributions. Psychoanalysis of singularity in relation to science and demarcated in the

procedural construction to *instinct* concept, demonstrating your nuances and bases for other formulations, as the *a* object elaborate for Lacan. The psychoanalysis of history away from the science, but not without demarcate your place in relation to this, highlighting, including the relevance of science subject without that not exist psychoanalysis; still considering how reviews that weighed from your origin and some current considerations about the relationship between science and psychoanalysis.

Keywords: psychoanalysis; science; instinct; *a* object.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto remonta ao aspecto teórico da psicanálise, nomeadamente o artigo “A pulsão e suas vicissitudes” entre os que versam a respeito da metapsicologia, de 1915, em que Freud justifica o conceito de pulsão. Em adição, no Seminário 11, em 1964, Lacan retoma os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, sendo a *pulsão* o conceito recortado para fins de análise da presente investigação.

Ao lado disso, tomam-se por base os Escritos sobre “A ciência e a verdade”, de 1965, em que Lacan (1996, p. 195) destaca a importância em relacionar criticamente a psicanálise e a ciência, reiterando-a nos Outros Escritos, ao se referir ao Seminário 11: “Permanente, portanto, manteve-se a pergunta que torna o nosso projeto radical: aquela que vai de ‘é a psicanálise uma ciência?’ até ‘o que é uma ciência que inclua a psicanálise?’”.

Assim, o que nos interessa propriamente é retomar esses questionamentos formulados por Lacan considerando o aspecto teórico da psicanálise e verificar as aproximações e distanciamentos quanto às suas pretensões científicas. Por essa razão, inicia-se o roteiro investigativo de revisão bibliográfica mapeando o percurso que Freud empreendeu desde os primórdios da psicanálise, na tentativa de situá-la no âmbito da ciência, valendo-se dos princípios metodológicos utilizados na época para garantir à psicanálise credibilidade no meio intelectual vienense (europeu) do início do século XX.

Desse modo, remarca-se o nascimento da psicanálise no campo científico, mesmo que não seja uma ciência, entretanto, desde sua origem, adquire ares de cientificidade ou de “cientificação”, como denominam alguns críticos, ainda que já se adiante, nesta Introdução, que os esforços positivistas de Freud levaram ao inevitável choque entre ambos, como se verá ao longo deste artigo. Essencialmente, os métodos utilizados para investigar o inconsciente

revelam o interesse psicanalítico com relação a causa do sofrimento do sujeito, enquanto a ciência preocupa-se com os efeitos.

De fato, justifica-se a utilização de “A ciência e a verdade” para, com Lacan, considerar que, apesar de o sujeito da ciência ser o mesmo que o sujeito da psicanálise, a ciência o foraclui, ao passo que a análise revela o real da verdade do sujeito. O paradoxo se estabelece na medida em que ambos se apropriam da contribuição de Descartes, mas tomam-se distintos vieses de investigação sobre o saber do sujeito. Nessa operação de esvaziamento do sujeito, *per via de lavare* (por meio de lavar, extrair), é que a psicanálise se afasta da ciência, a qual busca, *per via de porre* (por meio de colocar), a verdade do sujeito.

A independência da psicanálise em relação ao campo da ciência vai, então, sendo demarcada em razão da sua percepção singular do sujeito:

É pela introdução do sujeito, enfim em questão, que Freud distingue a psicanálise de uma *Weltanschauung* (cosmovisão). Trata-se de um real que não se cala porque implica, como seu retorno, o sujeito em sua divisão (\$), sujeito que é o próprio retorno do real como efeito de significação, resposta do real (FREIRE, 1996, p. 37).

Exposto de outra forma, a controvérsia paira sobre a divisão do sujeito, na medida em que pela *Spaltung* (corte, cisão) freudiana há uma divisão subjetiva entre saber e verdade e a ciência a desconsidera e busca a verdade na totalidade. Desse modo, apresenta-se a divergência entre o discurso analítico e o da ciência. Claro, a singularidade psicanalítica há de ser demonstrada por outros meios, como a banda de Moebius, pela qual Lacan marca a existência do que está fora do ser não como uma separação estanque, mas intercalada, que corrobora a divisão do sujeito e, conseqüentemente, a separação entre saber e verdade.

Finalmente, o presente artigo preocupa-se em contextualizar as formulações teóricas tanto de Freud como de Lacan, sem o qual não seria possível compreender as razões que levaram à aproximação e ao distanciamento entre psicanálise e ciência. Contudo, resguarda-se a responsabilidade de cada teórico por seus empreendimentos e a construção histórica da psicanálise. Aliás, qualquer tentativa de dissociação contextual levaria a um desvirtuamento investigativo. Também, tratar da história sem um propósito objetivo de aproveitamento futuro incidiria em uma discussão quimérica.

Portanto, o que interessa é tomar os dados históricos para refletir sobre a relação entre psicanálise e ciência no presente, compreendendo as origens para que a construção teórica que se atualiza na demanda dos contextos que se perfazem, ao mesmo tempo em que a

singularidade da clínica, tão criticada pela artificialidade, siga seu caminho entre o particular de cada caso e a universalização na forma de uma teoria que a estrutura.

2 O RIGOR CIENTÍFICO DE FREUD

Em grande parte, os primeiros relatos amplos em que Freud aporta seus conceitos sobre teoria psicológica encontram-se tanto no “Projeto” (1985), como no sétimo capítulo de “A interpretação dos sonhos” (1900). Entretanto, os problemas teóricos são aprofundados em 1915, quando reúne sua teoria de forma completa e sistemática na forma de cinco artigos interligados nos quais intenciona proporcionar “um fundamento teórico estável à Psicanálise” (FREUD, 1996, p. 111). Dessa forma, os “Artigos sobre a metapsicologia” figuram como a obra propícia a verificar o Freud epistemólogo, valendo-se do rigor científico como tentativa de introduzir a psicanálise na ciência, nos moldes definidos pelo Círculo de Viena, ambiente que o cercava na época.

Especificamente o artigo “As pulsões e suas vicissitudes” (1915) será tomado como eixo verificador do exercício teórico da psicanálise referente ao conceito de pulsão. Aliás, a *Trieb* (pulsão) figura como um dos conceitos que sempre inquietaram Freud, que o perseguiu na elaboração, classificação e revisão constante, por esta razão, a pulsão foi o conceito escolhido para acompanhar o percurso freudiano.

De fato, no referido texto, Freud destaca a importância da estruturação de conceitos básicos claros e definidos, mas adverte que não se logra este fim no início da construção teórica, é um trabalho processual. Ou seja, parte-se de uma ideia, ainda que em moldes imprecisos ou abstratos, que se delinea à medida que se aprofunda a investigação do material empírico, em que então será reconhecida a procedência do juízo motivador da experiência científica. Obviamente, essa prática é seguida também pelos cientistas. Nesse sentido, seu esforço permitiu que, ante os embates sofridos, não se desqualificasse facilmente sua teoria:

Assim, parece difícil desqualificar, sem reservas, do campo de uma cientificidade possível, a teorização analítica que se esforça para fazer surgirem propriedades estruturais de uma ordem análoga, em um corpo de proposições que enunciam atributos de modelos abstratos (conceitos/objetos psicanalíticos) construídos a partir de fenômenos percebidos (particularidade dos processos inconscientes) (DOR, 1993, p. 121).

Então, o caminho (metodologia) escolhido por Freud foi o de abordar a pulsão por vários ângulos, o que o levou a percorrer as vicissitudes da pulsão, reunindo-as em três polaridades: “[...] a atividade-passividade como a *biológica*, a do ego-mundo externo como a *real*, e finalmente a do prazer-desprazer como a polaridade *econômica*” (FREUD, 1994, p. 144). Ademais, quanto à passagem pelo campo biológico da fisiologia – iniciado por Freud quicá pela sua própria formação em Medicina – a finalidade da pulsão seria de “dominar estímulos” pelo sistema nervoso (FREUD, 1996, p. 126). Contudo, desde esse primeiro exame, fica patente que a pulsão extrapola esse campo:

[...] aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (FREUD, 1996, p. 127).

Destaca-se nessa passagem uma característica que marcará o critério freudiano utilizado em toda sua obra, qual seja, a demonstração de seus esforços para explicar sua teoria. Freud faz e refaz, de forma ética, a psicanálise, que não engessa o conceito, mas o fundamenta e esclarece. Assim, à medida que classifica, reorganiza e retifica uma ideia inicial, demonstra seus limites e incongruências alcançados pela experiência da observação de que cabe algo mais ou que o caminho adotado de partida não é o mais acertado, o que justifica a derivação para outro que se afigura como mais coerente.

Nesse contexto, o intrigante da pulsão é a sua atuação sobre a mente, sendo uma força constante e não momentânea, que se amolda de forma singular: “O melhor termo para caracterizar um estímulo instintual (pulsional) seria ‘necessidade’. O que elimina uma necessidade é a ‘satisfação’” (FREUD, 1996, p. 124). Dessa forma, trata-se de uma **necessidade** porque liga o mental ao biológico, pois não é possível pensar o sujeito de outra forma, sem esta aderência natural. Contudo, a pulsão é um princípio inteligente, pois visa à satisfação e não trabalha de forma desordenada. Portanto, a necessidade também pode ser verificada na medida em que as vicissitudes da pulsão são defesas contra si mesma.

A pulsão é força criadora, sendo estimulável e necessária sua canalização como ferramenta de ação a ser empregada pelo sujeito, para escolhas e responsabilidade:

[...] embora a finalidade última de cada instinto permaneça imutável, poderá ainda haver diferentes caminhos conducentes à mesma finalidade última, de modo que se pode verificar que um instinto possui várias finalidades mais próximas ou intermediárias, que são combinadas ou intercambiadas umas com as outras. (FREUD, 1996, p. 128.)

Ainda que existam objetos pulsionais assinalados por fases, a fixação é singular a cada indivíduo que, portanto, a escolhe como modo de satisfação. Por essa razão, partindo do somático como fonte das pulsões, inferidas por suas finalidades, estabelece-se por hipótese de trabalho a distinção entre as pulsões do *ego* (ou *autopreservativas*) e as *sexuais* (FREUD, 1996, p. 129). Assim, Freud passa a examinar a fronteira da pulsão entre o biológico e o psicológico – é o problema da *Vorstellungsrepräsentanz* (representação introdutória) – em que a pulsão opera como uma representação por meio de significantes e não diretamente no corpo ou no inconsciente:

Es que la pulsión está inscripta en el inconsciente gracias a significantes. Significantes que representan a la pulsión y que siguen el juego de los significantes. Si trata de algo que permite ser interpretado, que permite ser desplazado, que permite todo lo que se permite en el dispositivo anaclítico con los significantes (BRODSKY, 2014, p.126).

Com efeito, só é possível falar em representações no campo da sexualidade à luz da psicanálise, posto que não se trate do biológico, mas seu significante remonta à importância da preservação da espécie, daí ser a pulsão, a força criadora elementar para ambas:

De um ponto de vista, o indivíduo é a coisa principal, sendo a sexualidade uma das suas atividades e a satisfação sexual uma de suas necessidades; ao passo que, de outro ponto de vista, o indivíduo é um apêndice temporário e passageiro do idioplasma quase imortal, que é confiado a ele pelo progresso de geração (FREUD, 1996, p. 130).

Contudo, a sexualidade transcende o mero “prazer do órgão”. Para a psicanálise, o que interessa é o percurso da libido, capaz, inclusive, de alcançar a “sublimação” no trajeto último das vicissitudes. Em balanço, a pulsão passa pela reversão a seu oposto; retorno em direção ao próprio eu (*self*) do indivíduo; repressão e sublimação (FREUD, 1996, p. 132).

De fato, essa gramática pulsional elaborada por Freud garante o distanciamento da pulsão do biológico, posto que não se confunde com o instinto, pois esse aparece em ciclos, ao passo que a pulsão figura como um empuxe constante, o qual se satisfaz ou morre, haja vista que “não cessa” (BRODSKY, 2014, p.122). Nesse contexto, o *Anlehnungstypus* (escolha

objetal analítica ou de ligação) toma a pulsão como ferramenta e permite a inversão atividade-passividade e traz como novidade o aparecimento de um sujeito em que poderia não haver nada.

Aliás, a constituição do sujeito na operação do sadismo e do masoquismo ilustra bem essa operação, bem como a pulsão escópica com a finalidade de olhar e ser olhado, em que o sujeito inverte os papéis de agente e paciente para daí se reconhecer:

O retorno de um instinto em direção ao próprio eu (self) do indivíduo se torna plausível pela reflexão de que o masoquismo é, na realidade, o sadismo que retorna em direção ao próprio ego do indivíduo, e de que o exibicionismo abrange o olhar para o seu próprio corpo. [...] A essência do processo é, assim, a mudança do objeto, ao passo que a finalidade permanece inalterada. Não podemos deixar de observar, contudo, que, nesses exemplos, o retorno em direção ao eu do indivíduo e a transformação da atividade em passividade convergem ou coincidem (FREUD, 1996, p. 132).

Como observado anteriormente, a pulsão figura como princípio inteligente, pois o que se projeta retorna, e a responsabilidade por sua condução será do sujeito (agente) que emerge, por meio da apreensão do objeto de eleição que o faz reconhecer a si mesmo (paciente). Claro, esse movimento não é estanque, mas ambivalente, explicado a partir do narcisismo e sua relação com o autoerotismo, elementar na experiência constitutiva do sujeito. Por exemplo, a ambivalência amor-ódio retoma a ideia de necessidade da pulsão. Portanto, essa figura como um percurso educativo (pulsão como princípio inteligente), por isso parcial, para a constituição do sujeito (“ego total”) que toma os objetos, escolhendo-os e responsabilizando-se na relação de amor e ódio:

Assim, tornamo-nos cômicos de que as atitudes de amor e ódio não podem ser utilizadas para as relações entre os instintos (pulsões) e seus objetos, mas estão reservadas para as relações entre o ego total e os objetos. [...] Não costumamos dizer que amamos os objetos que servem aos interesses de autopreservação; ressaltamos o fato de que necessitamos deles, e talvez expressemos uma espécie de relação adicional diferente para com eles, utilizando-nos de palavras que detonam um grau muito reduzido de amor – tais como, por exemplo, “ser afeiçoado a”, “gostar” ou “achar agradável” (FREUD, 1996, p. 142).

Finalmente, em que pese os esforços do rigor científico de Freud para trabalhar os conceitos psicanalíticos como verificado no caso da pulsão, e mesmo a admiração que causou no cenário revolucionário de ideias pós-Primeira Grande Guerra, sua teoria foi considerada uma “pseudociência” por Karl R. Popper, haja vista que os resultados das experiências eram conduzidos pela teoria, não sendo testadas por meio dela, como adverte ironicamente, desconsiderando, portanto, a psicanálise enquanto ciência:

Percebi que meus amigos admiradores de Marx, Freud e Adler impressionavam-se com uma série de pontos comuns às três teorias, e sobretudo com sua aparente capacidade de explicação. Essas teorias pareciam poder explicar praticamente tudo em seus respectivos campos. O estudo de qualquer uma delas parecia ter o efeito de uma conversão ou revelação intelectual, abrindo os olhos para uma nova verdade escondida dos ainda não-iniciados. Uma vez aberto os olhos, podia-se ver exemplos confirmadores em toda parte: o mundo estava repleto de verificação da teoria. Qualquer coisa que acontecesse vinha a confirmar isso (POPPER, 1994, p. 64).

Provavelmente um “elogio” à psicanálise ser chamada de pseudociência, pois o quanto antes se libertaria da tentativa de se tornar ciência e buscar seu próprio caminho. Também sobre a obra de Freud incide a crítica de que se aproximou mais de uma literatura ficcional, de cunho romântico, do que propriamente de um discurso acadêmico impessoal:

Curiosamente, enquanto Freud havia sido alimentado pela Aufklärung científica do século XIX e se tinha empenhado, com paixão, em fazer reconhecer a ‘seriedade’ do modelo acadêmico vienense, ele dá a impressão de ter sido apanhado desprevenido por sua própria descoberta. [...] De fato, o discurso freudiano é a ficção que retorna à seriedade científica, não só como objeto de análise, mas também como sua forma. A ‘maneira’ do romance torna-se a escrita teórica (CERTEAU, 2011, p. 94-95).

Assim, o cientificismo de Freud não foi suficiente para que o meio acadêmico aceitasse sua teoria, haja vista a imprecisão da sua verificabilidade, cujas consequências para a relação entre psicanálise e ciência será desdobrada no tópico 4 do presente artigo:

Ou a teoria – mais particularmente a metapsicologia – é um edifício independente da experiência e é então inverificável (é o caso, entre outros, da perspectiva energética), ou então a teoria baseia-se na experiência e,

portanto, é apenas sua descrição ou sua narração mais ou menos estruturada por uma nova terminologia adequada. Encontramo-nos em presença, ou de ficções que se desenvolvem à margem da situação analítica (por exemplo, a constituição do aparelho psíquico), ou de uma teorização que é sempre cópia empobrecida da experiência (ROUSTANG, 1979, p. 91 apud DOR, 1993, p. 114).

3 O CONCEITO PARA LACAN

112

Os fundamentos da psicanálise são retomados em 1964 por Lacan, ano em que dita o Seminário 11, justificando ser essencial para a formação psicanalítica trabalhar sobre os conceitos na práxis (LACAN, 1996, p. 10), especificamente no que concerne à pulsão, que é o primeiro com que o analista depara. De fato, a elucidação que faz sobre a práxis nos interessa na presente investigação, circunscrita a este período em que a epistemologia lacaniana se aproxima da freudiana em sua metapsicologia, bem como “[...] *marca una ruptura, una escansión, un cambio de perspectiva, porque marca lo que puede llamarse el comienzo de la elaboración propiamente lacaniana*” (BRODSKY, 2014, p. 15). Além disso, é nesse Seminário que se dá o primeiro encontro entre Lacan e Jacques-Alain Miller, que, na época, estava nos seus vinte anos, onde se lê, inclusive, suas intervenções nas questões finais em algumas aulas.

Nesse contexto, o que estava em voga era a verdade do sujeito, dividido, segundo a psicanálise, e foracluído para a ciência:

Por sua dimensão de experiência inaugural, a divisão do sujeito desmascara o que haveria de radicalmente imaginário em pensar o universo científico como lugar exclusivo da verdade para um sujeito-cognoscente e, em consequência, em conceber a ciência como a única modalidade de expressão possível, ao mesmo tempo teórica e transmissível de um conhecimento verdadeiro (DOR, 1993, p. 32).

Claro, Freud depara com o inconsciente, mas ele já existia antes da sua “descoberta”, pois todos já conviviam com os lapsos e os sonhos. A inovação se dá a partir do momento em que se inventa um método de investigação, que é a psicanálise. Portanto, o inconsciente não é um dado empírico, mas é preciso uma teoria para localizar o que se está desvendando. Assim, Freud cria o “mapa” para localizar o inconsciente que, aliás, continua inexplorado em alguns aspectos: “Segundo Lacan, teria sido esta a contribuição de Freud: demonstrar que o mundo

do desejo e das paixões, da mesma forma que o severo mundo da ciência moderna, suporta-se inteiramente no passo de Descartes” (FERNANDES, 1996, p. 137).

Todavia, ainda enfrenta o questionamento sobre a sua aproximação entre a psicanálise, a ciência e a religião (LACAN, 1996, p. 14-15). Aliás, Lacan aborda a questão destacando que o denominador comum entre esses registros é a interpretação. Por um lado, a religião se vale do argumento de autoridade para a condução de uma interpretação. Tal conduta é taxada como impostura por Lacan, seguindo a maneira como a religião foi desbancada pela própria ciência no século XVIII. Por outro, a ciência passa, desde então, a ocupar esse lugar privilegiado, onde o homem da ciência emerge de uma indiferença fruto da sua separação do corpo da própria ciência.

De fato, demarca Lacan (1996, p. 15):

Assim, para autorizar à psicanálise chamar-se uma ciência, exigiremos um pouco mais. O que especifica uma ciência é ter um objeto. Podemos sustentar que uma ciência é especificada por um objeto definido, pelo menos, por certo nível de operação, reproduzível, que chamamos experiência.

Ou seja, a psicanálise é mais que uma interpretação, do modo como também é explorada pela religião. Não é disso que se trata. É a experiência que se transforma por meio da própria análise. O que Lacan levou a cabo no Seminário 11 foi a discussão a respeito dos conceitos fundamentais que indicam os pontos de intercessão como a interpretação e o esquecimento. Entretanto, esses surgem como ferramenta de libertação do sujeito analisante, passando pela alienação inicial pela via da transferência, mas sem guardar ao final qualquer domínio, posto que, ligado ao desejo do analista, aí não permanece, mas encontra seu próprio desejo e se separa.

Especialmente importante é o deslizamento do objeto na psicanálise, questão levantada por Lacan para falar sobre os fundamentos da psicanálise não de forma dogmática, mas reflexiva, o que serve de crítica para a própria ciência e como essa se desenvolve à base de formulações. Portanto, a singularidade da experiência analítica e seu objeto deslizante só divisariam a psicanálise com características científicas problemáticas. Por exemplo, nem mesmo sobre a sexualidade a psicanálise guarda domínio, portanto não faz ciência sobre, pois não é seu terreno:

Sobre a sexualidade, de fato, ela opera muito pouco. Nada nos ensina de novo quanto ao operatório sexual. [...] A psicanálise só toca a sexualidade no que, na forma de pulsão, ela se manifesta no desfile do significante, onde se constitui a dialética do sujeito no duplo tempo da alienação e da separação. A análise não cumpriu, no campo da sexualidade, o que se teria

podido, a se enganar, esperar dela de promessas, ela não cumpriu isto porque não tem que cumprir. Não é seu terreno (LACAN, 1996, p. 252).

Nesse sentido, sublinhe-se a lacuna existente entre o discurso analítico e o universitário: “[...] *antipatía de discursos que jamás podrá ser superada*” (BRODSKY, 2014, p. 10). Por essa razão, o cuidado epistemológico permanece tanto no que se refere aos textos freudianos como, sobretudo, os de Lacan, sendo que a marca que distingue o estudo da psicanálise dos textos científicos é que a sua via de aprendizado se dá pelo dispositivo anaclítico. Como resultado, Lacan (1996, p. 251) enfatiza sobre a separação entre psicanálise, ciência e religião, delimitando o campo e a proposta de cada uma delas, então no ano de 1964:

A ambiguidade que persiste quanto à questão de saber o que há na análise de redutível ou não à ciência, se explica ao se aperceber do que ela implica, com efeito, de um mais além da ciência – no sentido moderno de A ciência tal como tentei lhes indicar seu estatuto no ponto de partida cartesiano. É por aí que a análise poderia cair sob o golpe de uma classificação, que a poria na classe de algo cujas formas e história evocam tão frequentemente a analogia – a saber, uma Igreja, e portanto, uma religião.

Nesse contexto, os conceitos analíticos não são acabados, ainda que aqueles elaborados por Freud sejam seguidos quase religiosamente, mas há que se recordar que o próprio fundador não pensava dessa maneira. Como visto anteriormente e inferidos ainda do posicionamento de Lacan, os conceitos psicanalíticos, ainda que definidos, encontram-se em formação, em evolução, em movimento, para serem revistos processualmente. Contudo, manobra curiosa é adotada a respeito da manutenção dos conceitos de Freud no centro da discussão teórica: abandonam-se os conceitos ou se engavetam os mais difíceis de compreensão, além do que são falseados, adulterados e rompidos (LACAN, 1996, p. 18).

Aqui se observa que a ressalva de Lacan a respeito dos textos freudianos na época também pode ser aplicada ao tratamento que se dá ao legado lacaniano, no afã de se criar novos conceitos sem que os “anteriores” se encontrem devidamente esclarecidos, daí se impõe o cuidado com o ensino de Lacan, na medida em que revisá-los criticamente não implique distorção:

[...] *el propedéutico pretende en cambio desarrollar de manera sistemática una concepción crítica, no dogmática, problemática de la enseñanza de Lacan, según un método que, como él mismo lo define, no avanza ningún paso antes de demostrar lo bien fundado del presente* (BRODSKY, 2014, p. 11).

De fato, o próprio método estrutural de construção e elaboração de casos, utilizado desde Freud, é essencial para a prática analítica, na medida em que “[...] este método engendra, a partir do relato da história de um tratamento, a constituição de uma teoria cientificamente consistente” (VIEIRA, 1998). Em grande parte, situar a psicanálise no registro científico não é o mesmo que associá-la à ciência, mas refletir sobre a origem da psicanálise, o inconsciente como porta de entrada e o próprio desejo de Freud como fundador e tais condições fundamentais para sua teoria ser colocada de pé (LACAN, 1996, p. 19). O desejo na qualidade de causa da psicanálise será a sua marca e particularidade da prática que se articula ao nome próprio.

Aliás, esta é a divisa que Lacan (1996, p. 20) levará a cabo no Seminário 11 para traçar os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise: “do desejo como objeto que se trata em Freud”. Com efeito, o desejo como causa distinguirá o trabalho do analista: “A verdade como causa, irão vocês, psicanalistas, recusar-se a assumir sua questão, quando foi a partir disso que se alçou sua carreira? Se existem praticantes para quem a verdade como tal supostamente age, não são vocês?” (LACAN, 1998, p. 883).

Como se observou anteriormente, tanto para Freud como para Lacan, a pulsão é um conceito fundamental:

É essencial, primeiro, lembrar que Freud mesmo nos diz, no começo desse artigo, que a pulsão é um Grundbegriff, um conceito fundamental. Ele acrescenta, no que se mostra bom epistemólogo, que, a partir do momento em que, ele Freud, introduz a pulsão na ciência, de duas coisas uma – ou este conceito será guardado, ou será rejeitado. Será guardado se funcionar, dir-se-ia hoje em dia – eu diria, **se ele traçar sua via no real que se trata de demarcar**. É o caso de todos os outros Grundbegriffe no domínio científico (LACAN, 1996, p. 155). (Grifos acrescidos).

Portanto, o conceito de pulsão é paradigmático. Para Lacan, seguindo Freud, é formado por quatro termos (impulso, fonte, finalidade, objeto) que aparecem disjuntos: é o início e o fim, circularmente. Ao mesmo tempo, a pulsão figura como uma força constante, mas sem ritmo, porque não biológica e, assim, um dos enigmas deixados por Freud (LACAN, 1996, p. 155-157), a ser ainda trabalhado, portanto, ao estilo freudiano em “As pulsões e suas vicissitudes”, denominado por Lacan (1996, p. 157) como “artigo de mil retomadas”.

Dessa maneira, o conceito de pulsão legado por Freud é revisto por Lacan quando enuncia que é “[...] algo que insiste, pero que insiste bajo la forma inasible, insatisfecha, imposible, no reconocida que se llama deseo. Dice Lacan que entre la sexualidad en su aspecto de realidad (lo biológico) y el sistema del inconsciente, el mediador es el deseo”

(BRODSKY, 2014, p. 110). Junto a isso, refletindo sobre a sexualização e dessexualização da realidade, no Seminário 11 responde a uma intervenção, afirmando que a realidade surge quando há dessexualização.

Como resultado, os conceitos são fundamentais para a teoria psicanalítica na medida em que é a partir e na combinação deles que surgem novos conceitos, a exemplo da formulação do real, tão caro à contribuição lacaniana, que já se formulava definindo como o impossível, associado ao destino da pulsão, separado do campo do princípio do prazer. Exposto de outra forma, o impossível também está presente no princípio do prazer, então associado à pulsão: “A ideia de que a função do princípio do prazer é de se satisfazer pela alucinação está aí para ilustrar isto – é apenas uma ilustração. A pulsão apreendendo seu objeto, aprende de algum modo que não é justamente por aí que ela se satisfaz” (LACAN, 1996, p. 159).

Destarte, os postulados básicos da psicanálise não deveriam ser esquecidos por seus seguidores, o que seria uma contradição quando se fala de uma teoria que, mesmo para criticar o rigor científico, há de ser revista a partir de seus fundamentos. Assim, ainda que derive em outra coisa, ou explicada diversamente, na forma de gráficos ou fórmulas como o fez Lacan, parte-se do já alcançado para avançar, sendo este o movimento investigativo.

De fato, o que interessa para Lacan é o sexual da forma trazida por Freud, avançando inclusive sobre os conceitos científicos da época:

É em razão da realidade do sistema homeostático que a sexualidade só entra em jogo em forma de pulsões parciais. A pulsão é precisamente essa montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica, de uma maneira que se deve conformar com a estrutura de hiância que é a do inconsciente (LACAN, 1996, p. 167).

Dessa forma, Lacan elucida a pulsão no percurso traçado por Freud na exposição da pulsão em seu lugar na economia psíquica, do qual infere que a realidade do inconsciente é a realidade sexual. Portanto, toma de Freud a pulsão (infantil, perversa e polimorfa) como tensão estacionária e reproduz sua passagem energética no trajeto de entrada e saída na explicação que passa pelo campo do Outro. Sem embargo, o ponto de intercessão é o caráter de representação da pulsão, no inconsciente estruturado como uma linguagem, assim, não se localiza a pulsão propriamente, se não estiver representada. Aliás, é uma ideia já destacada em Freud, ainda que não se utilize dos elementos da linguística.

Contudo, o que mais interessa é a releitura lacaniana sobre o surgimento do sujeito da pulsão, que só aí aparece:

É preciso bem distinguir a volta em circuito de uma pulsão do que aparece – mas também por não aparecer, – num terceiro tempo. Isto é, o aparecimento de *ein neues Subjekt* que é preciso entender assim – não que ali já houvesse um, a saber, o sujeito da pulsão, mas que é novo ver aparecer um sujeito. Esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no que a pulsão pôde fechar seu circular. É somente *com sua* aparição no nível do outro que pode ser realizado o que é da função da pulsão (LACAN, 1996, p. 169).

De fato, da leitura do círculo da pulsão que Lacan desenha, infere-se sobre a constituição do sujeito que seu trajeto é importante na medida em que tem por alvo o retorno a si mesmo, em círculo. Obviamente, a ambiguidade da pulsão é ainda destacada, na relação de atividade e passividade, em que o sujeito só se constitui na volta da pulsão sobre si mesmo, após contornar o objeto. Assim, no exemplo da pulsão escópica, o sujeito não se constitui no momento de olhar, mas quando fecha o circuito por ser visto pelo Outro, em que se reconhece como também faltante, na sua ausência.

De fato, no âmbito das representações em que emerge o sujeito, Lacan responde a J.-A. Miller sobre a diferença entre o objeto da pulsão, o da fantasia, e o do desejo, que é o objeto *a* enquanto presente na pulsão que aparelha as lacunas do sujeito, que então não existia: “O sujeito é um aparelho. Esse aparelho é algo de lacunar, e é na lacuna que o sujeito instaura a função de um certo objeto, enquanto objeto perdido. É o estatuto do objeto *a* enquanto presente na pulsão” (LACAN, 1996, p. 175).

Ao lado disso, pela experimentação, Lacan (1996, p. 172) é categórico ao sublinhar que “[...] a pulsão não é a perversão”, ao analisar a pulsão no voyeurismo e destacar que só há constituição do sujeito em um segundo tempo, em que se passa (da ativa para passiva) à condição de objeto para si mesmo. Dessa forma, no sadismo-masquismo, o que explica esse aparente paradoxo é a identificação do sujeito enquanto objeto *a* (relacionado à pulsão): “Neste sentido, o sadismo é apenas a denegação do masquismo” (LACAN, 1996, p. 176).

Nesse contexto, reitera-se que, para a psicanálise, a sexualidade será a grande descoberta, porque é pela via da sexualização do seu entorno que aparece o sujeito no circuito, em via de reconhecimento de si para o mundo, passando pelo Outro. Como resultado, o sujeito aparece e desaparece pelo movimento da pulsação. Ou seja, o sujeito não vegeta, mas pulsa, e só então é sujeito propriamente. Assim, se aliena ao campo do Outro para reconhecer aí a falta de ambos, que os identifica.

Além disso, Lacan (1996, p. 184) agrega uma nova manifestação da pulsão, que é a *de se fazer ouvir*, que não é abordada por Freud:

É preciso que, muito depressa, eu lhes indique sua diferença para com o se fazer ver. Os ouvidos são, no campo do inconsciente, o único orifício que

não se pode fechar. Enquanto que o se fazer ver se indica por uma flecha que verdadeiramente retorna para o sujeito, o se fazer ouvir vai para o outro.

Ao mesmo tempo, a elaboração lacaniana a respeito do objeto *a* no Seminário 11 será desdobrada no decorrer do seu ensino, mas há um ponto nevrálgico que é a integração entre os conceitos de transferência, identificação, do objeto *a* e pulsão à análise:

É para além da função do *a* que a curva se fecha, lá onde ela jamais é dita, concernente à saída da análise. A saber, depois da distinção do sujeito em relação ao *a*, a experiência da fantasia fundamental se torna a pulsão. O que se torna então aquele que passou pela experiência dessa relação, opaca na origem, à pulsão? Como um sujeito que atravessou a fantasia radical, pode viver a pulsão? Isto é o mais-além da análise, e jamais foi abordado. Isto só é, até o presente, abordável, no nível do analista, na medida em que seria exigido dele ter precisamente atravessado em sua totalidade o ciclo da experiência analítica. [...] a transferência se exerce no sentido de reconduzir a demanda à identificação. É na medida em que o desejo do analista, que resta um *x*, tende para um sentido exatamente contrário à identificação, que a travessia do plano da identificação é possível, pelo intermédio da separação do sujeito da experiência. A experiência do sujeito é assim reconduzida ao plano onde se pode presentificar, da realidade do inconsciente, a pulsão (LACAN, 1996, p. 258-259).

Em uma análise final, a reunião dos conceitos realizada por ocasião do Seminário 11 é fundamental para a compreensão e embasamento da psicanálise, pautada então no inconsciente estruturado como uma linguagem, explicado pela posição do sujeito no campo da pulsão (LACAN, 1996, p. 188). Contudo, o tratamento da pulsão foi postergado por Lacan, sendo, então, estudado em profundidade:

La enseñanza de Lacan presenta ciertas dificultades para incluir la pulsión dentro de su lógica. Por eso estaba puesta entre paréntesis. Cada vuelta teórica de la pulsión condicionaba en cierto modo el estilo mismo de su enseñanza. El Seminario 11 viene a ser como el punto extremo de esta lógica y, al mismo tiempo, la apertura en donde la pulsión hace su entrada por la puerta grande, como uno de los cuatro grandes conceptos (BRODSKY, 2014, p. 115).

Assim, valendo-se da linguística para trabalhar os conceitos psicanalíticos, quando por essa via buscava, inclusive, aproximar-se da ciência, enlaça a questão da plasticidade da libido (pulsão sexual) com a sexualidade e a representação no objeto *a* como reprodução sexuada do biológico. Pela representação significativa é que Lacan (1996, p. 187) explica, então, a constituição do sujeito no campo do Outro: “O sujeito nasce no que, no campo do Outro, surge o significante. Mas por este fato mesmo, isto – que antes não era nada senão sujeito por vir – se coagula em significante”.

Destarte, Lacan (1996, p. 188) reconhece que a elaboração da sua gramática pulsional para explicar a pulsão tem mais uma vez inspiração em Freud, agora expressa à luz da linguagem:

Quanto à relação da pulsão com a atividade-passividade, penso ter-me suficientemente feito entender ao dizer que, no nível da pulsão, ela é puramente gramatical. Ela é **suporte, artifício**, que Freud emprega para nos fazer sacar o vaivém do movimento pulsional.

Subsequentemente, em 1965, Lacan (1998, p. 870) escreve sobre *a ciência e a verdade*, haja vista que considera não haver esgotado “[...] o que concerne à vocação de ciência da psicanálise”. Nomeadamente, sobre a divisão do sujeito entre o saber e a verdade, traz um modelo topológico próprio à luz da psicanálise, qual seja a banda de Moebius, para demonstrar que não se trata de uma cisão estanque, mas de um encontro singular:

Assim, observamos que as condições para se pensar o sujeito se colocam num certo limite do saber. Especificamente num certo limite da estratégia da ciência de tudo saber: é ali onde não se sabe que o sujeito fala. É esse modo estranho de determinação que Lacan quer configurar com a faixa de Moebius. Esse objeto matemático representa uma possibilidade de existência, por ele implicar uma concepção renovada do espaço e da temporalidade, mas de acordo com a experiência analítica. [...] ele demonstra para o psicanalista a necessidade de suportar a existência de uma condição interna ao discurso que assinale a positividade das configurações conflitivas, paradoxais e incompletas que animam o discurso do sujeito e tecem o seu drama (FERNANDES, 1996, p. 129).

Ao mesmo tempo, reafirma a ética de Freud que faz seu nome advir para a posteridade associado à psicanálise: “[...] é por essa marca que ela preserva seu crédito, malgrado os desvios a que se prestou, e isso na medida em que Freud se opôs a esses desvios, sempre com uma segurança sem retardos e com um rigor inflexível” (LACAN, 1998, p. 871-872).

De fato, Lacan retoma a questão já tratada no Seminário 11 a respeito do objeto *a*, inserido na divisão do sujeito; então, nesse contexto:

Los conceptos que están en juego son los de amor, realidad, deseo, libido y pulsión. Cada uno de ellos es presentado con varias caras y, en el transcurso de todos ellos, está el objeto a, presentado de la manera más ambigua y menos definida en el transcurso de la clase misma (BRODSKY, 2014, p. 98).

Como visto anteriormente, o sujeito da práxis psicanalítica é o mesmo da ciência (LACAN, 1998, p. 877-878). Ainda que a psicanálise guarde a seguinte interpretação do *cogito* de Descartes: “na experiência de escrever: *penso: ‘logo existo’*”, com aspas ao redor da segunda oração, lê-se que o pensamento só funda o ser ao se vincular à fala, onde toda

operação toca na essência da linguagem” (LACAN, 1998, p. 879). Assim, por meio da linguagem é que o sujeito da psicanálise implica o sujeito da ciência, e a experiência da falta central que o marca é que o faz pensar. Em suma, Lacan (1998, p. 881) afirma que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e, desse modo, à época, segue desenvolvendo a teoria psicanalítica.

No final, Lacan analisa o conceito de verdade para a ciência e a relaciona com a psicanálise de maneira inversa. Por um lado, a verdade é utilizada tanto pela ciência como pela magia e pela religião. Por outro lado, o afastamento se dá pela verdade como causa procurada pela psicanálise. Então, as proposições desassocia ciência, verdade, saber e psicanálise. A verdade do sujeito só é buscada, de fato, pela psicanálise, situada pelo objeto *a* de cada sujeito: “Essa teoria do objeto *a* é necessária, como veremos, para uma integração correta da função, no tocante ao saber e ao sujeito, da verdade como causa” (LACAN, 1998, p. 890).

De fato, o desejo de saber é marcado pela falta central do sujeito, percurso percorrido por Descartes como sujeito pesquisador, em um percurso próprio, na busca de respostas pela causa do seu desejo. Entretanto, ao buscar no Outro a certeza, depara com sua impotência:

Lacan sublinha que, em sua procura incessante de certeza, Descartes coloca em cena nada mais que seu desejo [...] é no encontro do ‘capricho’ do Outro, no que o Outro postula de arbitrário, por voluntarismo, como verdades eternas, que Descartes constata o ponto de falta que constitui o seu desejo (FREIRE, 1996, p. 45).

Especialmente importante destacar que o sujeito suposto saber possui duas facetas, o que força uma neutralidade impossível do sujeito da ciência:

Em primeiro lugar, esse sujeito da ciência que emerge com Descartes, ao mesmo tempo em que emerge é rechaçado do discurso da ciência, é uma das suas condições, mas uma condição foracluída, rechaçada para o exterior, o que faz com a ciência se apresente efetivamente com um discurso sem sujeito, como um discurso impessoal, como o discurso do sujeito suposto saber em pessoa (MILLER, 1987, p. 51).

Destarte, em que pese o sujeito da certeza também servir de base para a psicanálise, nesta é considerado oposto à certeza do conhecimento científico, sobre o qual a prática analítica cuidará de reduzir: “[...] marcamos mais uma vez a preempção do sujeito cartesiano, na medida em que ele se distingue do sujeito do conhecimento como sujeito da certeza – e como, revalorizado pelo inconsciente, ele passa à categoria de precondição da ação

psicanalítica” (LACAN, 2003, p. 196). Assim, é a partir dessa operação analítica de redução de saber que surgirá a verdade possível de ser alcançada. Como mencionado anteriormente, trata-se da extração *per via de lavare* (por via de extrair):

De um lado, extraímos o (nada-de) do (nada-de-pênis), a ser posto entre parêntesis, para transferi-lo para o nada-de-saber, que é a não-hesitação da neurose. Do outro, reconhecemos a eficácia do sujeito nesse gnômon que ele erige para lhe apontar a toda hora o ponto de verdade. Revelando, do próprio falo, que ele nada é além desse ponto de falta que ele indica no sujeito (LACAN, 1998, p. 892).

No final, Lacan abandona a busca da verdade, que passa a ser um instrumento para encontrar o real como ausência de sentido. Assim, por meio da análise, se esgota a possibilidade de verdade (que ainda tem sentido) para que, uma vez explodida, se chegue ao real, ou pedaços de real:

O real é a resposta da psicanálise à forclusão da verdade do sujeito, operada pela ciência. Se a ciência se constituiu sob uma forma idealizada de uma *Weltanschauung*, sob uma estrutura de linguagem que exclui o sujeito, cabe à psicanálise tratar do real excluído, que retorna. É, portanto, o sujeito foracluído pela ciência que retorna à psicanálise. [...] Isto é, o sujeito da psicanálise implica o sujeito da ciência não somente porque Descartes o introduziu em sua certeza no ato de pensar, de duvidar, mas, sobretudo, porque o sujeito que a ciência foracluiu é o mesmo que retorna sob a forma de real, sob a forma inconsciente (FREIRE, 1996, p. 33-34).

Em uma análise final, divisa-se uma visão filosófica a respeito da contribuição da psicanálise sobre a libertação do verdadeiro saber:

[...] o ‘bom’ saber, ou seja, o menos mau possível, não constituindo a ausência de poder realizável, é o saber que sabe e consegue limitar o peso de suas exigências e proporcionar os caminhos de compensação tornando suportáveis os sacrifícios e eventuais sofrimentos (JAPIASSU, 2009, p. 118).

5 PSICANÁLISE E CIÊNCIA

O motivo de tomar o Seminário 11 como eixo de investigação talvez não tenha sido outro se não o de posicionar a psicanálise em relação ao objeto *a*, desagregada da seara acadêmica, pois aí não é o seu lugar, mas o de dejetivo, porque só aí é possível se fazer algo:

Solamente desde la posición de desecho se puede hacer algo, que no es lo mismo que hace el melancólico: tirarse. No se trata de eso. Lo que se abre en el Seminario 11 puede leerse con esta pista, aunque no es la única; es decir, la pista de ver qué vuelta le da Lacan a su lugar de desecho del movimiento psicoanalítico (BRODSKY, 2014, p. 25).

No mesmo sentido, Lacan (1996, p. 254) retoma, no desfecho do Seminário 11, a respeito do objeto *a*:

Esse objeto paradoxal, único, especificado, que chamamos de objeto *a* – retomá-lo seria repisá-lo. Mas eu o presentifico para vocês de modo mais sincopado, sublinhando que o analisando diz em suma a seu parceiro, ao analista – Eu te amo, mas, porque inexplicavelmente amo em ti algo que é mais do que tu – o objeto *a* minúsculo, eu te mutilo. [...] Eu me dou a ti, diz ainda o paciente, mas esse dom de minha pessoa – como diz o outro – mistério! Se transforma inexplicavelmente em presente de uma merda – termo igualmente essencial de nossa experiência.

Dessa forma, Lacan relaciona o corpo da ciência como objeto *a* para o cientista. Assim, a ciência passa a ser manejada como objeto *a*. Claro, essa mudança não mais permite a forclusão do sujeito, mas sua responsabilização perante a investigação. Nesse contexto, há sempre um sujeito implicado e responsável, posto que também existe um objeto que fura, portanto, não há objetividade como ocorre na ciência, mas subjetividade na ação analítica, ou seja, uma implicação do sujeito no ato:

Dizer que o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência talvez passe por um paradoxo. É aí, no entanto, que se deve fazer uma demarcação, sem o que tudo se mistura e começa uma desonestidade que em outros lugares é chamada de objetiva: mas que é falta de audácia e falta de haver situado o objeto que malogra. Por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis (LACAN, 1998, p. 873).

Destarte, é possível afirmar que a concepção do objeto *a* foi uma das contribuições mais originais de Lacan, confirmando o caráter investigativo da psicanálise e a relevância do conceito, forjado na própria clínica e teorizado a partir dela, e, mais ainda, a implicação do sujeito na aplicação da teoria. Assim, há a divisão do sujeito, mas isso não afeta a sua liberdade; em razão disso, não se exime da responsabilidade e não há, portanto, uma neutralidade pretendida pela ciência.

Por exemplo, para a psicanálise não há lugar para uma classificação de doenças como a depressão, que iguala o sujeito à sua própria doença, aí reunido como objeto de investigação científica quanto aos efeitos, forcluindo o sujeito de desejo. Contudo, a condução da teoria

psicanalítica distingue-se pela consideração do sujeito como responsável pelo seu sintoma (doença), mas cujo enfoque será a causa e não os efeitos, que aí já se encontram:

O sujeito da psicanálise é plenamente responsável pela sua tristeza e é justamente esta responsabilidade ética que lhe confere a possibilidade de percorrer e evacuar o circuito de seus significantes-mestres desfazendo os grilhões imaginários de sua tristeza. Torna-se possível, a partir daí, encontrar-se com o gozo de seu sintoma e abrir-se à contingência radical do real, o que, se não garante o fim permanente da tristeza e a instauração da beatitude, permite certamente uma autonomia original com relação ao grande Outro e seu desejo (VIEIRA, 1998, p. 87).

Portanto, a psicanálise opera com a contingência do real, em que aparece o objeto *a*, como sintoma com o qual a análise lida no *saber-fazer com*, sem negá-lo ou foracluí-lo:

Es ahí donde Lacan nos indica el no hay relación sexual, que quiere decir que, en cuanto a la relación con el Otro sexo, no hay saber en lo real. He aquí como lo traduzco hoy. Es muy especial. No es saber en lo real. Es el saber que tiene un saber que no hay en lo real. Es un camelo. Lo real no carece de nada. Eso no le falta. Es a nosotros a quien le falta (MILLER, 2014, p. 12).

Por outro lado, no que concerne à legitimidade da teoria analítica, critica-se o fato de que, extraída dos casos clínicos, seria incapaz de se universalizar e retornar para aplicação na singularidade de cada caso. Entretanto, tal particularidade não é exclusiva da psicanálise, o que não invalidaria o exercício de teorização como manutenção da sua prática mesma:

Afinal, imputar essa carência à teoria analítica para desqualificá-la do campo da cientificidade não constitui argumento pertinente. De fato, essa imputação é imaginária, pois nenhuma teoria científica, devidamente estabelecida como tal, é capaz de substituir radicalmente a ordem da particularidade do ou dos fenômenos de que ela pretende dar conta. É até mesmo sempre e necessariamente ao preço de uma certa perda dessa particularidade do fenômeno percebido que ela pode cientificamente dele dar conta (DOR, 1993, p. 33).

Como se observou anteriormente, este procedimento de experimentação clínica ocorre desde os primórdios da psicanálise, tendo esta sua origem. Assim é que os fatos levantados pela psicanálise são tão relevantes para essa como para a ciência, mas o diferencial é o objeto de observação psicanalítica figurar como uma linguagem material a ser explorada, o que é inconcebível cientificamente:

Me gustaría simplemente señalar que si bien el psicoanálisis no es una ciencia está, sin embargo, condicionado por la ciencia. El psicoanálisis es una manera de tomar el lenguaje materialmente, es decir como hechos. Añadiría que la ley que opera en el psicoanálisis no es pensable fuera de la emergencia del espíritu científico en el mundo. Por tanto, esto iniciaría una dialéctica entre ciencia y psicoanálisis, lo que podría desarrollar, aunque no necesariamente a través de los científicos que entran en análisis aunque no crean que el psicoanálisis sea una ciencia (MILLER, 2012).

Por essa razão, o lugar da psicanálise, desde a sua origem, foi questionado e afastado das comunidades científicas já existentes, devido as suas descobertas e incômodos com isso provocados:

Tudo se passa como se a Psicanálise cultivasse uma espécie de esoterismo aristocrático, favorecendo uma linguagem de tribo, com seus ritos, sua sintaxe e seus modos bizarros de expressar-se. Como se não tivesse um lugar seguro de onde possa falar. Mas talvez seja dessa ausência de lugar que conquistou sua força de intervenção. Ninguém sabe ao certo o que fazer com essa ‘coisa’, como agir com essa disciplina ao mesmo tempo rejeitada e invasora por sua exclusão mesma (JAPIASSU, 2009, p. 116-117).

Nomeadamente, as experiências realizadas pela psicanálise em relação ao saber científico foram infrutíferas ou promoveram um *impasse*, como o próprio mecanismo do *passe*, pelo qual se estabelecem critérios e expectativas distintas nesses campos de saber:

Todavía estamos en un tiempo – y quizás permanezcamos en él – donde el psicoanálisis está en impase en relación a las exigencias del saber científico. En el momento del pase del sujeto, lo que hace cuestión para el grupo analítico es la evaluación, poder estimar el valor, el resultado que se obtiene en el curso de la experiencia. No es por falta de elaboración de los procedimientos, sino que estos procedimientos están en defecto desde el punto de vista del saber científico, y en todo caso de su exigencia de transmisibilidad (MILLER, 1999, p. 8).

Mesmo quando a própria ciência reflète sobre seus postulados, e isso não é de agora, propondo-se a uma crítica que a retifica nos pontos de incongruência a ser superados, ainda se verifica o distanciamento em relação à psicanálise:

As reflexões críticas acerca dos fundamentos da ciência vêm sendo elaborados desde tempos remotos. Podemos dizer que filósofos e cientistas em geral sempre buscaram alcançar uma compreensão adequada do que vem a ser o saber científico, como ele procede, em que consistem seus métodos, como a ciência atinge seus resultados, qual a sua credibilidade, etc. (CARVALHO, 1989, p. 63).

Em que pese, então, o movimento científico revisar-se a si mesmo repensando seus postulados, a psicanálise de antemão já lhe antevê um limite, que é o impossível da relação sexual:

Há, portanto, ao menos uma região do real que escapa ao imperativo de saber da ciência, e é nesse sentido que, contrariamente à fecundidade da ciência, o real para a psicanálise é o impossível. Não se pode, com efeito, escrever a relação sexual, embora o gozo venha a ser literalizável no inconsciente. Mas ele só é literalizável como um e não como relação; em outros termos, isso jamais faz dois (CARVALHO, 2014, p. 82).

Até se questiona o pressuposto de sua inexistência em formato único: “A ciência não existe, pois uma definição consensual do vastíssimo campo de pesquisas desenvolvidas sob a rubrica ‘ciência’ é apenas um ideal e não uma possibilidade concreta” (VIEIRA, 2001, p. 45). Ademais, a psicanálise trata do saber do sujeito partindo de um distinto eixo de investigação, tendo como norte e meta a singularidade do sujeito faltante e o saber-fazer ali, e não a completude universalizante da ciência.

Especialmente importante é a singularidade do trabalho da psicanálise sobre os resultados da ciência:

Eis uma outra exigência científica: deixar qualquer um partir com a solução precisa que forjou ali onde estava o impossível de uma solução universal para a castração. Semelhante fim só pode se autorizar com o prévio acréscimo da certeza científica entre os modos da certeza humana (LAURENT, 1988, p. 42).

Junto a isso, advêm outros questionamentos e reflexões sobre o lugar que ocupa a psicanálise em relação à ciência:

¿Cuál es el real del que se ocupa la ciencia, y cuál es ese otro real del que se ocupa el psicoanálisis? ¿Y cuál es la relación entre ellos, si es que hay alguna? [...] Podemos llamar a esta relación como el inconsciente real que permanece entre las ciencias, entre el conocimiento de las diferentes ciencias. [...] “Entre las ciencias” no significa fuera de las ciencias, no significa fuera de la frontera de lo científico sino, por el contrario, en el interior de la ciencia misma, en el espacio entre una ciencia y otra, en los intersticios, por así decirlo. El psicoanálisis se encuentra, entonces, justo en el lugar donde las ciencias descubren ese real que no puede ser definido por sus conceptos. El sujeto de la ciencia es precisamente el sujeto que el psicoanálisis trata en su práctica, es el sujeto que hace signo de “goce”, de un real que rompe la homeostasis en la vida, el “goce” que emerge en el síntoma como malestar (BASSOLS, 2014, p. 2).

Desse modo, o papel de “resto” da psicanálise, em parte já antevisto por Lacan, corresponde ao que a ciência não dá conta, além de ratificar seu interesse pela causa e não

apenas o diagnóstico do efeito. Claro, a posição que o analista ocupa é de não saber, ainda que faça semblante para operar sobre a verdade do sujeito, porque só ele sabe de si mesmo, não havendo outro lugar para a verdade. Assim, seguirá outro viés, em que a operação será o “bem dizer”, via liberatória das consequências do cientificismo e que promove um *saber-fazer com* o sofrimento desse sujeito:

El acto analítico, la formación que requiere debe sustentarse en una diferencia esencial: la práctica del psicoanalista que es esencialmente - aunque no toda- invitación a hablar y captar de qué se trata esa demanda de la voz del sufriente para de ese modo operar, nos ubica en lo que llamamos bien decir, que no es decir el bien, el supremo bien, el bien de la caridad, no. Esta distinción esencial para los practicantes requiere estar atentos, la formación debe proporcionar este sustento que se anuda a saber hacer. Aclaro esto porque la potencia que puede ejercer el uso de la palabra, implica que sea, que apunte al hueso del sujeto como goce que refleja su sufrimiento, para liberarlo de la angustia que produce el cientificismo y sus consecuencias (SIMONETTI, 2012, p. 2).

Nesse contexto não será tão relevante defender se a psicanálise é ou não ciência, mas remarcar os argumentos que a rechaçam como tal: “[...] *no pretendo demostrar que el psicoanálisis funciona como una ciencia, sino refutar las tesis insuficientes de aquellos que le rehúsan el carácter de ciencia con el pretexto de que no soportaría una experiencia incompatible, contradictoria o crucial*” (REGNAULT, 2004, p. 121). Essencialmente, a psicanálise como teoria é revista tanto na experiência clínica como no contexto e conjuntura que obrigatoriamente a atualiza, sendo pensada continuamente, sem se transfigurar.

Pondera-se, nesse sentido, que o próprio período de nascimento da psicanálise lhe impusesse o viés cientificista, sem o qual seria rechaçada pela comunidade intelectual ou pensante da época, e mesmo posta em descrédito antes mesmo de se fortalecer, haja vista que aqueles respeitáveis membros, direta ou indiretamente – por suas famílias e amigos –, seriam os pacientes preferíveis para o estabelecimento de uma clínica que alimentaria a própria teoria analítica: científica ou não, mas que alcançava resultados (re)conhecidos.

Por tudo isso, a psicanálise só foi possível com o advento do sujeito científico cartesiano, pela conjuntura em que desenvolveu suas bases, pela participação com as respectivas responsabilidades dos fundadores que, unidos, compreenderam a história que, neste percurso, continua a se *inscrever*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, desde sua fundação, a psicanálise relaciona-se com a ciência, na forma anteriormente examinada, cuja investigação, sem pretensões exaustivas, percorreu o texto “A pulsão e suas vicissitudes” entre os artigos sobre a metapsicologia de Freud, o Seminário 11 e “A ciência e a verdade”, de Lacan, não abordando suas produções posteriores sobre o tema. Ao mesmo tempo, foram consultadas as contribuições bibliográficas que, de algum modo, enfrentaram a pergunta que guiou o presente artigo: “é a psicanálise uma ciência?” e “o que é uma ciência que inclua a psicanálise?”, sublinhando a relevância do viés teórico da psicanálise na aplicação da sua clínica.

Portanto, a psicanálise existe independentemente da ciência, abrangida como coexistência possível, sem se confundirem os campos de saber. Assim, a singularidade da psicanálise faz-se presente desde sua origem, na medida em que a experiência empírica se dá por meio da clínica, num circuito de comprovação que extrai daí a teoria – formulada como universal; mas, sem categorizar o sujeito pela sua doença como procedimento científico, estabelece as bases de atuação para o analista aplicar no particular de cada caso.

De fato, em diversos momentos do percurso da psicanálise, tanto Freud como Lacan tentaram sustentar a credibilidade da sua teoria em bases científicas, mas ambos chegaram à conclusão de que a verdade buscada seria extraída por vias distintas. Em outras palavras, que o sujeito foracluído da ciência não deseja conhecer a verdade de si mesmo, denegando sua falta, enquanto a psicanálise vai buscar aí o seu objeto *a*.

Nesse contexto, verifica-se que muito já se discutiu acerca do trajeto em que se cruzam a psicanálise e a ciência. Assim, debater sobre a contribuição de Freud e de Lacan e o que levou cada um a se pronunciar ou defender determinado postulado só têm importância na medida em que se contextualizam os argumentos historicamente. Fora isso, o que se promove é a deturpação intencional dos fatos, que pouco pode trazer de proveito em termos de conhecimento.

Obviamente, interessa ainda promover, quantas vezes forem necessárias, uma investigação pontual para se extrair um raciocínio frutífero e que produza efeitos, para a própria teoria psicanalítica, da mesma forma que as teorias do conhecimento refletem sobre a ciência.

Aliás, os fatos históricos servem de lição, de responsabilização mesmo em termos analíticos, para uma melhor compreensão do ato de fazer ou não fazer e as consequências dele decorrentes. Essencialmente, o que foi feito não pode ser retomado, é dado histórico, mas o

presente e o futuro da psicanálise estão franqueados para uma reflexão que recorra, por exemplo, ao cuidado que Freud e Lacan tiveram em estabelecer os conceitos e a forma ética com que os reviram a partir da experiência clínica, para aí retornar na aplicação precisa, ainda que não definitiva, mas que permitisse resultados com a marca de efeito da psicanálise, sem se confundir com qualquer ciência, terapia, magia ou religião.

REFERÊNCIAS

- BASSOLS, Miguel. Psicoanálisis, Ciencia y Real. *Virtualia*, n. 28, p.1-8, jul.2014. Disponível em: < <http://virtualia.eol.org.ar> >. Acesso em: 14 nov. 2014.
- BRODSKY, Graciela. *Fundamentos I: comentario del Seminario 11*. Olivos: Grama Ediciones, 2014.
- CARVALHO, Maria Cecília M. de. A construção do saber científico: algumas posições. In: CARVALHO, Maria Cecília M. de (Org.). *Construindo o saber: metodologia científica: fundamentos e técnicas*. 2.ed. Campinas: Papirus, 1989. p. 63-86.
- CARVALHO, Frederico Zeymer Feu de. Psicanálise e Ciência: o Real em jogo. *Curinga*, Belo Horizonte, EBP-MG, n.36, p.82-83, set. 2014.
- CERTEAU, Michel de. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- DOR, Joël. *A-cientificidade da psicanálise*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FERNANDES, Francisco Leonel de F. Lacan e a Topologia. In: SOUZA, Neusa Santos et al. (Coord.). *A ciência e a verdade: um comentário*. Rio de Janeiro: Revinter, 1996. p. 97-143.
- FREIRE, Ana Beatriz. Weltanschauung: ciência, magia e religião. In: SOUZA, Neusa Santos et al. (Coord.). *A ciência e a verdade: um comentário*. Rio de Janeiro: Revinter, 1996. p. 23-38.
- FREUD, Sigmund. Artigos sobre metapsicologia [1915]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV.
- JAPIASSU, Hilton. *Ciência e destino humano*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- JAPIASSU, Hilton. *O eclipse da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2009.
- KAUFMANN, Pierre (Ed.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- LACAN, Jacques. A ciência e a verdade [1965-1966]. In: _____. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.869-892.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964]. Tradução M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- LACAN, Jacques. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: Resumo do Seminário de 1964 [1965]. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.195-197.
- LACAN, Jacques. Posfácio ao Seminário 11 [1973]. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.503-507.
- LACAN, Jacques. Prefácio à edição inglesa do Seminário 11 [1976]. In: _____. *Outros escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.567-569.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J-B. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- LAURENT, Eric. Quatro observações sobre a preocupação científica de Lacan. In: LACAN: Você conhece? Palestras do encontro Jacques Lacan. São Paulo: Cultura: Editores Associados, 1988. p.36-42.
- MILLER, Jacques-Alain. El aparato de psicoanalizar. *Virtualia*, n. 9, p.1-13, feb./mar. 2004. Disponível em: < <http://virtualia.eol.org.ar> >. Acesso em: 14 nov. 2014.
- MILLER, Jacques-Alain. Elementos de epistemologia. In: _____. *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p. 40-54.
- MILLER, Jacques-Alain. El pase del psicoanálisis hacia la ciencia: el deseo de saber, *Freudiana*, Barcelona, n. 26, p.7-24, 1999.
- MILLER, Jacques-Alain. El psicoanálisis, su lugar entre las ciencias. *Revista Consecuencias*, n. 9, nov. 2012. Disponível em: < <http://www.revconsecuencias.com.ar> >. Acesso em: 14 nov. 2014.
- POPPER, K. R. *Conjecturas e refutações*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1994.
- REGNAULT, François. La prueba en psicoanálisis. *Revista Lacaniana de Psicoanálisis*, n.2, EOL, p.114-129, 2004.
- SIMONETTI, Ana. El bien decir del psicoanálisis frente a la ilusión de la ciencia. *Virtualia*, n. 25, p.1-3, nov. 2012. Disponível em: <http://virtualia.eol.org.ar> Acesso em 14 de nov. 2014.
- SOUZA, Neusa Santos. O conceito de causa em Lacan. In: SOUZA, Neusa Santos et al. (Coord.). *A ciência e a verdade: um comentário*. Rio de Janeiro: Revinter, 1996. p. 65-73.
- VIEIRA, Marcus André. O catálogo e a chave: sujeito da ciência e sujeito do inconsciente. *Opção Lacaniana*, São Paulo, n.21, p.84-87, abr. 1998. Disponível em: < http://www.litura.com.br/artigo_repositorio/o_catalogo_e_a_chave_pdf_1.pdf >. Acesso em: 10 nov. 2014.
- VIEIRA, Marcus André. Clínica psicanalítica, ciência e pesquisa. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria Neurologia e Medicina Legal*, Rio de Janeiro, v. 74, p.42-46, 2001. Disponível em: < http://www.litura.com.br/artigo_repositorio/clinica_psicanalitica_ciencia_e_pesquisa_1.pdf >.